

No Colégio Internacional de Tradutores Literários de Arles: uma bela experiência

Luzilá Gonçalves Ferreira *

A tradução é uma das mais importantes atividades intelectuais, a que pode se dedicar um indivíduo. Como avaliar exatamente esse trabalho que consiste em colocar ao alcance de nosso entendimento, um texto que nos é estranho, estrangeiro, indecifrável? Que seria da maioria de nós, brasileiros, se alguns abnegados e apaixonados pela comunhão entre os seres humanos, não houvessem se debruçado sobre, por exemplo, os romances de Dostoievski, os contos de Tchekhov, os poemas de Emily Dickinson, os textos de Mishima? Se alguém não houvesse vertido para o português, os romances de Balzac ou de Flaubert, os ensaios de Simone de Beauvoir, de Italo Calvino? E vou mais longe: como conheceríamos a filosofia que nos deixaram os gregos, seu teatro, e a cultura dos romanos, as comédias de Shakespeare?

De fato, a tradução é muito mais que um trabalho efetuado entre duas línguas diferentes, na busca de tornar compreensível o pensamento alheio, que sem isso seria opaco para um dos falantes. É sim, e também um exercício cotidiano. Passamos o dia inteiro a traduzir: traduzimos nossos pensamentos, traduzimos as idéias da pessoa com quem conversamos, com a qual discutimos. Ante a leitura dos jornais, diante da televisão, traduzimos informações. Como traduzimos o sentido das palavras de um poema, de um romance. Quando escrevemos cartas, bilhetes, poemas – estamos traduzindo a nós mesmos. Lembrar o poema Traduzir-se, de Ferreira Gullar.

Como conseguimos ler - traduzir- as mensagens que nos chegam?

Traduzimos com o que já está dentro de nós, com o que somos, com as palavras que aprendemos ao longo da vida, traduzimos em nossa própria língua. Se não nos conhecemos bem, se não dispomos de um vocabulário preciso para nos dizer, esse exercício será complexo. Sobretudo se queremos traduzir sentimentos profundos, que não dominamos inteiramente. Se estamos separados de nosso interlocutor pela

ideologia, pelo espaço, pelo tempo. Viver é um exercício de tradução e de interpretação. Falar é traduzir. E sobretudo, escrever é traduzir. Falar nunca é neutro ,

Nunca é demais lembrar a importância da tradução, meio de nos ligar com o resto da humanidade, meio de nos conhecer a nós mesmos. Pela tradução podemos nos livrar de preconceitos, alargar nossa visão de mundo, pela troca de conhecimentos, de informações sobre como vivem as pessoas afastadas de nós, diferentes de nós, afastadas de nós pela língua, por costumes diferentes, credos diferentes. A tradução é, pois, um exercício de comunicação humana.

O grande escritor João Guimarães Rosa: vai ainda mais longe quando afirma que a tradução é um ato de amor: é se transferir totalmente em uma outra personalidade. O crítico e poeta Octavio Paz lembra que toda tradução é, em certo sentido, uma outra criação e constitui um texto único. Traduzir é uma atividade difícil, pois o uso da língua é subjetivo e uma mesma palavra pode ter vários significados

Os sacerdotes e sacerdotisas, os profetas, na Antiguidade, foram os primeiros tradutores que conhecemos. Sua atividade consistia em traduzir a vontade divina em linguagem humana, de modo a fazer a ligação dos fiéis com o transcendente. A torre de Babel, descrita na Bíblia, assinalou a necessidade e a importância da tradução. De repente os homens que falavam a mesma língua se viram incompreendidos, confundidos. E se disputaram, e tiveram de se espalhar sobre a terra.

Conhecer uma outra língua que não a sua é hoje imprescindível. Dai a importância dos departamentos de letras nas universidades, dos cursos de línguas estrangeiras, úteis nas redações dos jornais, na televisão, nos congressos, seminários, simpósios diversos onde se trocam conhecimento, se difundem idéias. Indispensável o uso da tradução na publicidade, nos órgãos governamentais. E na compreensão entre os países, na difusão de sua cultura e do modo como ela nos enriquece e propicia um maior entendimento, uma maior união entre os povos.

O Colégio Internacional de Tradutores Literários, situado na cidade de Arles, ao sul da França, foi criado nesse espírito de alargar a união entre as nações. É um lugar privilegiado, fisicamente e espiritualmente. Arles conserva ainda traços da presença romana, da cultura e do modo de viver daquele povo que por tantos anos dominou grande parte do mundo conhecido de então. Em Arles existem vestígios de termas, ruínas de edifícios públicos, e, bem conservada, uma Arena onde os cidadãos romanos e aqueles que estavam sendo, digamos, conquistados, colonizados, se reuniam para se divertir, participar de jogos, ou assistir a combates entre gladiadores. Perto de Arles, existe um aqueduto, colossal construção feita para levar a água dos arredores para a cidade. Por seu clima e sua posição geográfica, banhada por um grande rio, Arles foi uma cidade florescente desde a presença dos romanos, e sempre abrigou poetas e pintores como Van Gogh e Paul Gauguin. No Hotel-Dieu, construído no século 17 para ser um hospital, foi instalado um espaço cultural para exposições, cinemateca, biblioteca e é ali que se instalou o *Collège International de Traducteurs Littéraires*.

O Colégio recebe tradutores do mundo inteiro, através de convênios entre os países, e a prefeitura da cidade oferece bolsas de trabalho, de curta duração, para especialistas ou intelectuais que possuem traduções em curso ou que as iniciam. É lugar de encontro de homens e mulheres de raças diferentes, vindos de países diferentes, com opções políticas diferentes, mas que são levados pelo convívio diário a se conhecer, se respeitar, se estimar. Durante um mês fui uma das bolsistas da Prefeitura de Arles, quando o *Collège* era dirigido por Jacques Thieriot, que morou no Brasil, dirigiu uma Alliance Française, montou Macunaima para o teatro, traduziu para o francês Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, entre outros. Eu organizara uma antologia de poetisas francesas e necessitava de tempo livre para sua finalização e do material de apoio, que o *Collège* põe à disposição dos tradutores: dicionários de todo tipo e em mais de 90 línguas, relativos a literatura e ciência, glossários de arquitetura, medicina, botânica, culinária, e muito mais. E computadores modernos, possibilidades de utilização de internet, de scanners, impressoras. Os tradutores são instalados em quartos individuais, com banheiro privativo e vista para um adorável pátio interno, muito antigo e florido. A sua disposição, uma sala de recreio, com televisão, mesas de ping-pong, uma cozinha onde cada um pode preparar sua própria refeição, guardar sua

comida no refrigerador. Bicicletas podem ser usadas para passeios nos arredores, e o campo em torno de Arles é belíssimo. Sempre muito verde e na primavera as flores vermelhas que Van Gogh pintou, brotam espontaneamente.

Durante o dia se trabalha muito e ao meio-dia há sempre uma pausa para conversas enquanto cada um prepara ou esquenta sua refeição na cozinha coletiva. O trabalho de traduzir textos é importante, útil, mas também gratificante é o contato entre nacionalidades diferentes, a entrada em culturas pouco conhecidas, em autores desconhecidos. Todo um mundo se abre aos nossos olhos e ouvidos e o contato humano é mais que enriquecedor entre pessoas de proveniência diferente. Enquanto lá estive, conheci Tatiana, tradutora de Flaubert, russa que me falou das dificuldades de sua vida, das restrições cotidianas, mas também de sua alegria e do orgulho de sua nacionalidade (estávamos nos primeiros anos da *glasnot*, a abertura da Rússia para além da chamada cortina de ferro). Conheci Luan Starova, tradutor de Verlaine, poeta e contista da Macedônia, tradutor de poesia, que sofrera perseguições mas se tornou, posteriormente, embaixador de seu país na França. Paul de Bruine, um holandês de dois metros de altura me falou de sua vida nos tempos duros da ocupação alemã e de sua fé na vida. Falei a Paul que no Recife temos o forte do Brum, fundado por alguém chamado De Bruine. Ficou orgulhoso desse antepassado, certamente um pirata. Foi no *Collège* que descobri um grande e maravilhoso escritor yugoslavo, Danilo Kys, havia pouco falecido, que estava sendo traduzido por sua esposa, jornalista e correspondente de guerra na Bósnia.

O *Collège International de Traducteurs Littéraires* patrocina todos os anos um Prêmio para a melhor tradução para o francês de texto estrangeiro. E foi com uma tradução de parte da obra de Carlos Drummond de Andrade, quase que inteiramente desconhecido na França, que o professor Didier Lamaison, que ensinou em nossa UFPE há alguns anos, obteve esse cobiçado prêmio – para o qual, diga-se de passagem e muito modestamente, a autora destas linhas muito colaborou. E foi com Didier Lamaison que organizei e traduzi uma antologia de poesia de Ferreira Gullar, publicada em Paris pelas Editions Carvalho.

Tais trabalhos, como aqueles que fazem cotidianamente e humildemente milhares de tradutores pelo mundo afora, são uma recompensa para os que os exercem. Além da alegria das descobertas, há o enorme prazer de estar contribuindo, de algum modo, para um maior entendimento entre os povos.

*Romancista, pesquisadora, tradutora literária, professora universitária.